



O AGRONEGÓCIO DA CAPRINOCULTURA DE CORTE NO BRASIL¹

Wandrick Hauss de Sousa²

RESUMO - Apesar do baixo nível tecnológico ainda presente em todo processo produtivo, a caprinocultura de corte no Brasil, principalmente no Nordeste, tem apresentado configurações que a coloca numa posição privilegiada no cenário do agronegócio. Isto está respaldado no incremento do consumo interno, em demandas concretas de exportação de carne e de pele para diversos países, bem como na percepção de oportunidades de negócio que a atividade oferece. Na Região Nordeste, onde se concentram 90% do efetivo de caprinos do Brasil, a maioria das explorações praticam sistemas de produção poucos tecnificados, utilizando-se animais de descarte desqualificados para atender as exigências do mercado consumidor em termos de regularidade, qualidade e preço dos produtos cárneos, o que provoca um desequilíbrio entre a oferta e demanda e, conseqüentemente, oscilações de preços. Assim, para que esta atividade seja inserida no agronegócio brasileiro é necessário que se estabeleça uma visão sistêmica, com enfoque de cadeia produtiva, onde todos os atores ou segmentos se articulem de forma coordenada se contrapondo a uma visão mais conservadora de unidades independentes. Esse enfoque sistêmico deverá estabelecer ações ao longo de toda cadeia, seguindo os padrões de exigência do mercado através da regulamentação da oferta, do preço da qualidade da carne e expansão de novos produtos derivados. A situação atual, perspectivas e novas tendências da cadeia produtiva da caprinocultura de corte no Brasil com enfoque no agronegócio são discutidas, assim como referências específicas no segmento dos sistemas de produção e nos aspectos relacionados à forma de organização dos produtores e de comercialização dos produtos cárneos, da pele e análise dos principais gargalos ao longo da cadeia produtiva.

Palavras-chave: caprinos de corte, carne, pele, mercado, qualidade da carne, cadeia produtiva.

THE AGRIBUSINESS OF THE MEAT TYPE GOAT IN BRAZIL

ABSTRACT - In spite of the low technological current level present in the whole productive process, for goat meat type in Brazil, mainly in the Northeast, has been presenting configurations that put this activity in a privileged position in the scenery of the agribusiness. This is backed in the increment of the internal consumption, in concrete demands of exportation of the goat meat and skin for several countries, as well as in the perception of opportunities of business that the activity offers. In the Northeast of Brazil, where there is approximately 90% of the total herd of goats of the Brazil, the majority of the production systems use low level of the technologies, and offering to the slaughterhouse discard animals disqualified to assist the demands of the consuming market regularity in terms, of quality and price of the products. This provokes an unbalance among the offer and demand and, consequently, oscillations of the prices. So, for this activity to be inserted in the Brazilian agribusiness it is necessary that it settles down a systemic vision with focus of productive chain, where all the actors or segments pronounce in a coordinated way differing to the a vision more conservative of independent units. That focus systemic should establish actions along of the chain, following the patterns of demand of the market through the regulation of the supply and demand, price of the quality of the meat and expansion of new products. The current situation, perspectives and new tendencies of the productive chain of the meat type goat in Brazil with focus in the agribusiness are discussed, as well as specific references in the segment of the production systems and in the aspects related to the organization of the of the farmer and of commercialization of the goat meat products as well as the skin and an analysis of the principal needs along the productive chain.

Keywords: goats, meat production systems, chain market

¹Trabalho apresentado no ZOOTEC2004, realizado pela ABZ, AZOO-DF, FACULDADES UPIS, Brasília, DF, de 28 a 31 de maio de 2004.

²Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba - Emepa, e-mail: wandrick@emepa.org.br

INTRODUÇÃO

Apesar do baixo nível tecnológico ainda presente em todo processo produtivo, a caprinocultura de corte no Brasil, principalmente no Nordeste, tem apresentado configurações que a coloca numa posição privilegiada no cenário do agronegócio. Isto está respaldado no incremento do consumo interno, em demandas concretas de exportação de carne e de pele para diversos países, bem como na percepção de oportunidades de negócio que a atividade oferece. Na Região Nordeste, onde se concentram 90% do efetivo de caprinos do Brasil, a maioria das explorações praticam sistemas de produção pouco tecnificados, utilizando animais de descarte desqualificados para atender as exigências do mercado consumidor, em termos de regularidade, qualidade e preço dos produtos cárneos, o que provoca um desequilíbrio entre a oferta e demanda e, conseqüentemente, oscilações de preços. Assim, para que esta atividade seja inserida no agronegócio brasileiro é necessário que se estabeleça uma visão sistêmica, com enfoque de cadeia produtiva, onde todos os atores ou segmentos se articulem de forma coordenada, se contrapondo a uma visão mais conservadora de unidades independentes. Esse enfoque sistêmico deverá estabelecer ações ao longo de toda cadeia, seguindo os padrões de exigência do mercado através da regulamentação da oferta, do preço da qualidade da carne e expansão de novos produtos derivados.

Para Medeiros (2003), essa missão não será atingida com ações concentradas especificamente na produção, ou concentradas especificamente na agroindústria, e somente será cumprida se as ações que se desenvolvem nessa cadeia produtiva tiverem um mínimo de coordenação. Segundo Farina & Zylbersztajn (1994) essa coordenação se baseia no processo de transmissão de informação, estímulos e controle ao longo da cadeia produtiva de forma a responder as mudanças no ambiente competitivo.

MERCADO DE CARNE E PELES DE CAPRINOS NO BRASIL

A expansão do consumo de carne caprina no Brasil, apesar de ser ainda muito baixo, tem experimentado um incremento animador, principalmente nas grandes cidades. Enquanto o consumo per capita é estimado em menos de 1,0 kg, o consumo em países Árabes e da Europa varia de 4,0 a 8,0 kg (Dantas, 2001). Somente nos últimos anos, as carnes ovinas e caprinas estão sendo encontradas em supermercados, açougues e restaurantes “finos” das grandes cidades, quebrando o paradigma do consumo apenas rural e em pequenas cidades do interior (Couto, 2001). Com isso verificou-se também a implantação de agroindústrias, notadamente frigoríficos e abatedouros.

A produção de carne e a produção de peles de ovinos e caprinos são atividades complementares. De fato, a pele de boa qualidade pode agregar até 30% do valor do produto final (animal destinado ao abate) pago ao produtor (Couto Filho, 1999). A escassez de carne e pele faz com que abatedouros, frigoríficos e curtumes para pequenos ruminantes instalados no país trabalhem com alta margem de ociosidade, chegando, em alguns casos, a operar com valores inferiores a 10% da capacidade instalada (Barros & Simplício, 2001). Por outro lado, o mercado consumidor está demandando carcaças e peles de animais jovens e de boa qualidade (Barros et al., 1997).

Estes fatos em conjunto demonstram que existe uma ampla oportunidade de negócio a ser conquistado pelos caprinocultores brasileiros, principalmente com relação às peles, face a um mercado mais ou menos consolidado com grande aceitação no exterior. Apesar dos problemas enfrentados pela indústria devido à qualidade da pele que recebe, o Brasil tem um proeminente mercado em potencial para produtos derivados das peles de pequenos ruminantes, favoráveis para a produção de calçados, acessórios e

vestuário em quantidades suficientes para suprir a demanda interna e gerar excedentes exportáveis (Leite, 2003). No entanto, ainda persistem na indústria de processamento de pele alguns problemas que incluem:

- Peles com alto índice de defeitos, associados aos sistemas de produção e técnicas de abate, esfolagem e conservação inadequada;
- Insuficiente número de entrepostos para coleta de peles, onerando os custos;
- Alta taxa de ociosidade dos curtumes, elevando seus custos de produção;
- Elevada tributação de impostos em comparação a outros países exportadores de peles.

ASPECTOS GERAIS DA CADEIA PRODUTIVA DA CAPRINOCULTURA DE CORTE NO BRASIL

Nos últimos anos, vários seminários e workshops foram realizados no Brasil para discutir o agronegócio da caprinocultura. O principal enfoque dessas discussões foi identificar e propor estratégias que possibilitassem a organização do setor. No entanto, poucas ações foram efetivamente colocadas em prática até o momento. Para Medeiros (2003) a cadeia produtiva de carne caprina no Brasil é ainda bastante frágil, havendo deficiência de entrosamento e de conhecimento dos problemas dos diferentes atores em relação às dificuldades das diversas áreas que compõem a cadeia.

Para uma melhor compreensão da complexidade de uma cadeia produtiva (Figura 1) é importante observar os seus segmentos, bem como os ambientes institucional e organizacional envolvido com cada elo de forma direta e indireta.

A seguir será feita uma análise sucinta de alguns aspectos de cada segmento da cadeia produtiva da caprinocultura de corte.



Figura 1
Cadeia produtiva da caprinocultura de corte.

Fonte: Ceninsa (2007)

(I) INSUMOS

Como pode ser observado, o segmento dos insumos é o primeiro suprindo, principalmente, os sistemas de produção. Isto inclui desde o suprimento de medicamentos, vacinas, rações, genética, até máquinas e implementos agrícolas.

Nesse segmento é importante ressaltar que embora tenha observado uma evolução no número de insumos específicos para a atividade, são ainda insuficientes e inadequados alguns itens básicos que atenda de forma plena e econômica as necessidades do produtor de caprinos no Brasil. Por exemplo, alguns tipos de rações, suplementos minerais e até mesmo de máquinas e equipamentos, ainda apresentam eficácia e relação custo/benefício questionáveis.

(II) PRODUÇÃO

O segundo segmento da cadeia produtiva é o da produção que é a base de toda cadeia. Este segmento, também chamado “dentro da porteira”, já que suas ações ocorrem na fazenda, é responsável pela regulamentação da oferta, do preço, da qualidade da matéria-prima e, ainda, serve como caixa de ressonância para maioria das mudanças demandadas pelos consumidores.

Como em outros segmentos da cadeia produtiva, mas com maior intensidade, esse setor ainda apresenta limitações que impedem o seu desenvolvimento sustentável. Essas limitações incluem:

Baixo nível de produtividade dos rebanhos de caprinos: Embora já existam criadores utilizando técnicas mais modernas de criação, ainda persistem na sua grande maioria, aqueles que exercem essa atividade de forma tradicional, utilizando rebanhos comuns (sem padrão de raça definida) em áreas marginais. No entanto, eles são responsáveis por aproximadamente 90% da carne produzida no Brasil. Esse baixo nível de produtividade está diretamente relacionado com:

- ♦ Inadequação de sistemas de manejo para diversas fases da criação;
- ♦ A não utilização de raças adequadas aos diferentes sistemas de produção;
- ♦ Falta de programas sanitários, principalmente, para região Nordeste, onde a febre aftosa impede a expansão da atividade;
- ♦ Falta de informações sobre estratégias de cruzamentos planejados e específicos;
- ♦ Deficiência de tecnologia sobre alimentação e nutrição, principalmente, para

acabamento de cabritos em confinamento;

- ♦ Escassa oferta de forragem durante a estação de baixa precipitação pluvial;
- ♦ Deficiência de assistência técnica, principalmente na adoção de tecnologias;
- ♦ Falta de análise sobre custo de produção de carne em diferentes sistemas;
- ♦ Formas de financiamento adequado para o setor;
- ♦ Capacitação técnica e gerencial do produtor,
- ♦ Baixo nível de organização.

(III) PROCESSAMENTO

Este segmento é responsável pelo processamento e transformação da carne produzida. Embora existam algumas experiências inovadoras nesse campo, a indústria de processamento de carne caprina no Brasil é ainda bastante incipiente. Nos últimos cinco anos, na tentativa de implementar o mercado de carne caprina, principalmente na região Nordeste, foram instalados abatedouros, frigoríficos e algumas indústrias de transformação da carne. No entanto, em face da sazonalidade na oferta de animais e na qualidade da carcaça produzida, muitos desses estabelecimentos fecharam ou vêm trabalhando com menos de 50% de sua capacidade. Essa ociosidade está relacionada, principalmente com:

- Oferta sazonal de animais para abate;
- Baixa qualidade dos animais ofertados para o abate;
- Competição com o abate informal;
- Alto custo da logística, principalmente na coleta de animais para abate;
- Falta de uma legislação tributária adequada para instalações de indústrias frigoríficas;
- Inspeção sanitária com custos elevados;
- Deficiência de tecnologias para um melhor aproveitamento da carne caprina na confecção de embutidos e produtos derivados.

(IV) COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização de caprinos destinados ao abate, bem como da carne no Brasil, em especial na Região Nordeste, é caracterizada, na sua grande maioria, por um elevado grau de informalidade. Esse processo começa na própria propriedade e nas feiras livres das cidades do interior do Nordeste, por meio de agentes intermediários ou dos próprios produtores e termina em diferentes pontos de abate e de comercialização de carne chegando até o consumidor final (Figura 2).

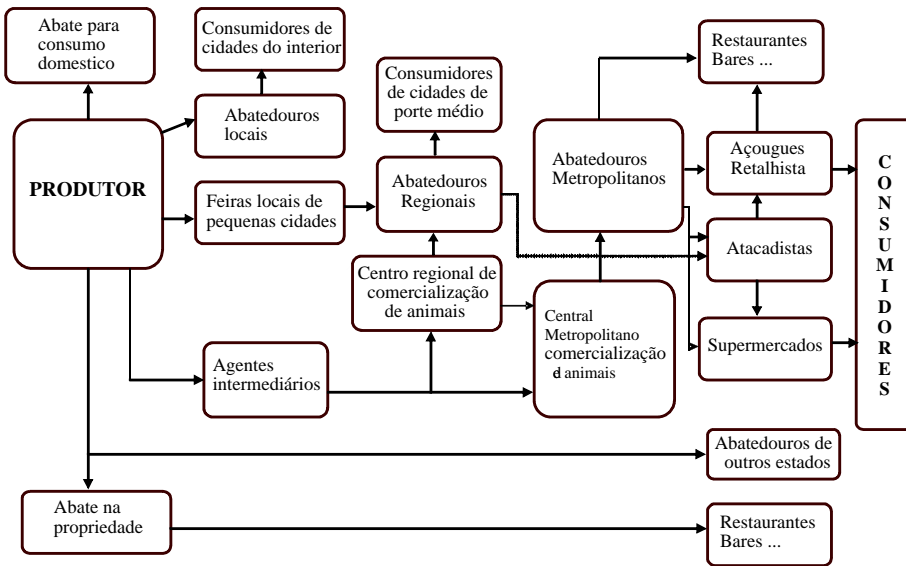


Figura 2

Modelo atual de fluxograma de animais e da carne caprina do produtor até o consumidor no Nordeste do Brasil.

Analisando a Figura 2, é possível observar a desorganização e a informalidade das transações comerciais de animais e de carne caprina. Por exemplo: podem-se verificar as principais situações:

- ♦ Parte dos animais produzidos nas propriedades é abatida no local e a carne é destinada para consumo doméstico, venda direta para o consumidor em feiras livres ou diretamente em bares e restaurantes;
- ♦ Animais são comercializados vivos, em feiras locais para agentes intermediários que geralmente os levam para as cidades de maior porte para abatedouros locais, regionais e metropolitanos ou negociam com um segundo intermediário, sendo os animais abatidos em abatedouros, na sua grande maioria sem inspeção sanitária, e até mesmo clandestinos, e a carne é comercializada para atacadistas, açougues e nas feiras livres;
- ♦ Outra situação que se verifica na Região Nordeste é a comercialização de animais na propriedade, feita por um agente que normalmente trabalha para os abatedouros/frigoríficos. Esses agentes são pessoas capacitadas para selecionar animais com requisitos pré-estabelecidos, isto é, animais jovens entre 6 e 10 meses de idade. A carne desses animais é comercializada geralmente em supermercados e/ou açougues especializados, através de cortes especiais e embalada adequadamente;
- ♦ Animais produzidos em um determinado estado são comercializados diretamente para outros estados, para suprir a demanda de um determinado frigorífico.

A forma de comercialização de animais para suprir os frigoríficos, com base no item (iii), embora esteja longe do ideal, já apresenta um melhor formato na apresentação e qualidade dos produtos ofertados aos consumidores. No entanto,

para melhorar a qualidade desses produtos é necessário mudar paradigmas ultrapassados nos atuais sistemas de produção praticados nas propriedades para padrões tecnológicos mais modernos demandados pelo mercado consumidor. Isto possibilitaria o estabelecimento de sistemas de produção e canais de comercialização mais adequados para o agronegócio da caprinocultura no país.

Face ao exposto, é possível prever alguns canais de comercialização de animais e carne caprina mais apropriadas para o país, que permita um maior controle ou até a rastreabilidade da carne produzida, conforme as opções apresentadas nos fluxogramas a seguir.

A Figura 3 demonstra um caminho mais apropriado entre a unidade produtiva e o consumidor final. Abatedouros e frigoríficos recebem animais adquiridos por seus agentes com uma certa padronização de idade e estado corpóreo diretamente das propriedades e/ou de feiras regionais, bem como de intermediários. Normalmente, a aquisição desses animais em feiras livres acontece em época de maior oferta, possibilitando a seleção de animais jovens. Esse fluxo propicia a comercialização de uma carne que atende requisitos básicos de controle de qualidade e de sanidade. Como resultado chega ao consumidor final um produto inspecionado e embalado em cortes especiais, resfriados e/ou congelados.

A Figura 4 evidencia outro canal de comercialização. Animais produzidos na propriedade são comercializados: (a) para serem terminados através de sistemas de confinamento em outra propriedade. Após o término do período de confinamento, esses animais são comercializados em lotes, em leilões, geralmente em cidades de médio porte e depois são levados para os abatedouros/frigoríficos; (b) animais são adquiridos por agentes intermediários e estes os revendem para frigoríficos/abatedouros e (c) Animais produzidos nas propriedades são comercializados diretamente para os frigoríficos através de um contrato

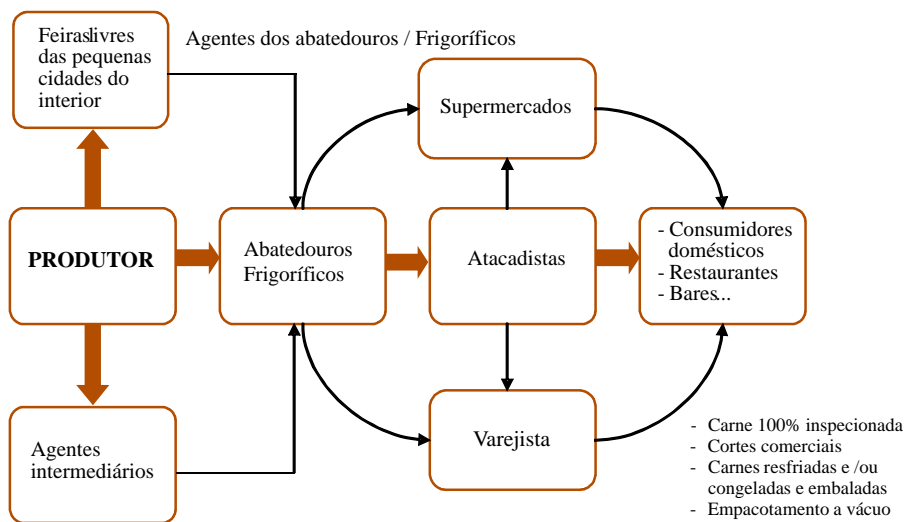


Figura 3
Modelo de fluxograma de animais e da carne caprina do produtor até o consumidor.

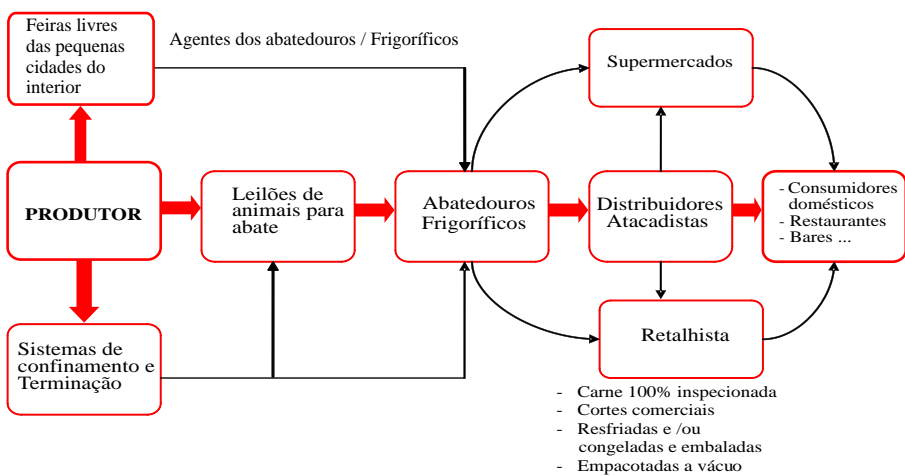


Figura 4
Modelo de fluxograma de animais e da carne caprina do produtor até o consumidor.

de parceria. Como na Figura 3, a carne oriunda desses animais apresenta características próprias para o mercado consumidor, isto é, devidamente inspecionada, podendo ser rastreada e comercializada, resfriada ou congelada embaladas em cortes especiais. Essa carne pode ser distribuída para atacadistas e varejistas até chegar aos consumidores.

Uma nova modalidade de comercialização que vem sendo adotada por criadores ou cooperativas é a representada na Figura 5. O criador desenvolve sua própria marca e ao invés de comercializar os animais vivos, os destinam para o abate em um frigorífico com inspeção. A carcaça é seccionada em cortes especiais e comercializada resfriada ou congelada em embalagens adequadas. Essa carne é geralmente distribuída através de um agente da própria empresa, para estabelecimentos especializados em carnes nobres, supermercados, restaurantes e bares. Todas as despesas com abate, cortes e distribuição são cobertas pelo estabelecimento rural.

A Figura 6 é outra opção bastante interessante que vem sendo planejada por grandes frigoríficos. A produção e a comercialização de animais entre os produtores e a indústria frigorífica são feitos por um contrato de parceria rural. Neste tipo de parceria, normalmente, os animais são produzidos sob um padrão tecnológico previamente acertado com a indústria. Esse padrão tem como principal objetivo regular a oferta e produzir carcaças de qualidades para o mercado consumidor. Os animais selecionados para o abate são recolhidos em diversos pontos de coleta e depois transportados para o frigorífico. Os animais que não alcançaram o padrão estabelecido poderão ser comercializados para outros abatedouros locais ou seguem os caminhos descritos nos fluxogramas anteriores. A carne produzida nesses frigoríficos é comercializada resfriada ou congelada em cortes especiais devidamente inspecionada e apresenta características próprias para o mercado consumidor mais exigente.

A carne e derivados podem ser distribuídas para atacadistas e varejistas até chegar aos consumidores.

Outro canal de comercialização da carne caprina e/ou de outros produtos da “roça” que vem crescendo em todo mundo é a venda direta produtor - consumidor (Figura 7). A principal razão para esse tipo de mercado é que ele permite uma maior margem de lucro aos pequenos produtores, mantendo-os no mercado. Essa atividade está respaldada na existência de um determinado grupo de consumidores fiel a esse tipo de produto. No entanto, para que essa opção se efetive é necessário que o governo estabeleça algumas normas tais como: criar condições para inspeção estadual, instalar mini-abatedouros nas comunidades e criar um selo de certificação para esses produtos.

Pelo exposto, podem-se enumerar os principais problemas relacionados com a comercialização de animais e carne de caprinos no Brasil:

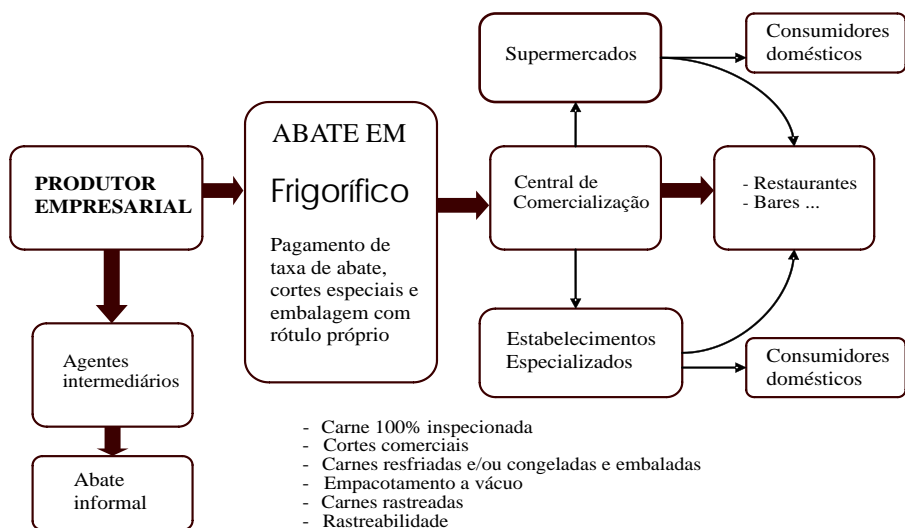


Figura 5
Modelo de fluxograma de animais e carne caprina do produtor até o consumidor.

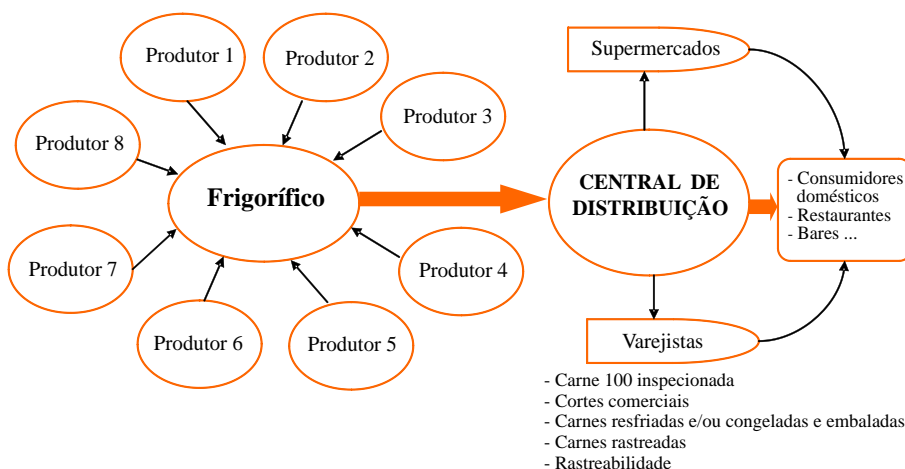


Figura 6
Modelo de fluxograma de animais e carne caprina do produtor até o consumidor.

MERCADO DIRETO: PRODUTOR CONSUMIDOR



- Razões para este tipo de comercialização:
- ✓ Permite uma maior margem de lucro ao produtor
 - ✓ Mantêm pequenos produtores no mercado
 - ✓ Tendência de grupo de consumidores por produtos da “roça”
- Governo deve estabelecer normas:
- a) Criar condições para inspeção estadual
 - b) Instalar mini abatedouros nas comunidades
 - c) Criar um selo de certificação

Figura 7
Modelo de fluxograma de animais e carne caprina do produtor até o consumidor.

- Inexistência de associativismo entre os criadores, impossibilitando o estabelecimento de parcerias;
- Ineficiente logística na comercialização de animais e carne, elemento fundamental na modernização do setor;
- Escala de produção insuficiente para atender o mercado de forma permanente;
- Ineficiência da vigilância sanitária, essencial para coibir o abate informal;
- Falta de uma política diferenciada de preço para carcaças de qualidade superior.

(V) CONSUMIDOR

Os consumidores representam o último segmento da cadeia, sendo responsável por diversas mudanças que ocorrem ao longo de toda cadeia produtiva, principalmente nos sistemas de produção. É o consumidor, por exemplo, quem determina o peso de um corte especial ou a cobertura de gordura na carne. Isso, geralmente, tem implicações profundas nos sistemas de produção vigentes, conduzindo o criador a utilizar uma raça específica que apresente níveis de cobertura de gordura desejados por ele.

Nos últimos anos, o perfil dos consumidores de carne caprina no Brasil tem variado significativamente. Agora, uma camada da população das grandes cidades está adotando, de forma esporádica, o hábito de consumir carne caprina. Por outro lado, esses consumidores exigem um produto de melhor qualidade. Para Osório & Osório (2003), o critério de qualidade da carne é extremamente variado no espaço (país, região, cultura, etc) e no tempo (época, ano, etc), sendo estabelecido em função da adequação das características do produto às exigências da demanda. Assim, não é simples definir “qualidade” na cadeia produtiva da carne caprina. Do produtor até o consumidor, o conceito de qualidade adquire significado diferente.

Para o mesmo autor, do ponto de vista do consumidor, a “qualidade da carne” é considerada quanto aos aspectos: nutricionais, sanitários,

subjetivos, de serviços, comerciais e organolépticos.

a) **Qualidade nutricional** - Baseada no conteúdo de elementos nutritivos que respondem às necessidades metabólicas do organismo humano. Neste sentido a importância da carne como alimento é indiscutível;

b) **Qualidade sanitária** - É a primeira a ser exigida em um alimento, já que seu consumo não deve supor risco para o homem;

c) **Qualidade subjetiva ou imaginária** - Relacionada com aspectos religiosos, culturais, tradicionais, publicitários ou de moda que podem ser determinantes na hora de marcar preferências e, portanto, qualidade e preços;

d) **Qualidade de serviço** - Segundo sua facilidade de preparação, disponibilidade e distribuição;

e) **Qualidade comercial e de apresentação** - Resultado do fato de modificar os cortes tradicionais por outros mais atrativos e da própria qualidade na execução e apresentação de uns e outros;

f) **Qualidade organoléptica e sensorial** - Determinada pelas características percebidas pelos sentidos (cor, tato, sabor, aroma, suculência, textura, maciez, etc.) no momento da compra ou do consumo (Saúdo, 1991; Osório et al., 1998).

Porém, nem todos os consumidores avaliam estes fatores de qualidade da mesma maneira. Diferenças notáveis aparecem entre as populações dos distintos países e dentro de um país, entre as regiões e classes sociais. As preferências dependem dos hábitos de consumo, das tradições culinárias e da educação do gosto dos consumidores.

Como nos demais segmentos da cadeia existem também vários problemas que limitam o consumo da carne caprina no Brasil, dentre esses, pode-se enumerar os seguintes:

- Inexistência de um plano de marketing, valorizando os aspectos nutricionais da carne caprina no Brasil;
- Existência de certo preconceito em relação à carne caprina em algumas camadas das populações;

- Sazonalidade na oferta de carne de qualidade, bem como, de produtos derivados;

- Preço da carne comercializada muito alto para maioria das camadas das populações,

- Inexistência de cardápios da culinária caprina na grande maioria dos restaurantes brasileiros.

PRINCIPAIS NECESSIDADES DA CADEIA PRODUTIVA DA CAPRINOCULTURA DE CORTE NO BRASIL

A cadeia produtiva da caprinocultura de corte no Brasil ainda é bastante incipiente e frágil, necessitando de mudanças culturais importantes, especialmente no setor produtivo e nas lideranças, para torná-la competitiva e consolidada no cenário nacional. Preocupadas com esta situação factual, várias instituições públicas e privadas têm se reunido em seminários para discutir problemas afetos ao fluxo de demandas reais para identificar e superar gargalos que impedem o desenvolvimento e a sustentabilidade dessa atividade produtiva no âmbito nacional. Dentre essas necessidades, as mais relevantes encontram-se resumidas no Relatório final de Apoio a cadeia produtiva da ovinocultura brasileira para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Dantas, 2001).

- Todos os segmentos da cadeia produtiva necessitam de aportes de Ciência e Tecnologia, para aumentar a eficiência e sustentabilidade do setor;

- As diferenças regionais apontadas pelos participantes demonstraram a necessidade da elaboração de plataformas para o Centro Oeste, o Sudeste e o Sul que venham a mostrar as reais necessidades de cada região. Considerou-se que a plataforma em elaboração para o Nordeste indicou esta direção;

- Ficou bem demonstrado que o mercado de carne e peles é comprador, e que os efetivos de caprinos precisam ser aumentados rapidamente para

diminuir as futuras importações de carne e peles e cobrir a ociosidade existente nos abatedouros/frigoríficos e nos curtumes;

- O aumento dos rebanhos precisa ser amparado por programas de Genética, Melhoramento Animal e Biotecnologia, que são básicos para a produção, seleção e multiplicação rápida de animais de elite;

- O setor necessita urgentemente de uma reformulação na política sanitária visando ao controle de doenças e de endo e ectoparasitas, que promovem pesadas perdas aos produtores, frigoríficos e curtumes;

- A produção de caprinos que era praticada até pouco tempo quase exclusivamente por pequenos agricultores, passa agora a ser praticada também por médio e grandes, em virtude das novas oportunidades que o mercado oferece;

- Foi apontada por todos os atores da cadeia produtiva a necessidade urgente de reformular a metodologia de transmissão de novas tecnologias e conhecimentos já existentes, para fazê-los chegar mais rapidamente ao produtor;

- A inadimplência dos produtores no pagamento dos empréstimos bancários mostrou a necessidade de ajustar os contratos de custeio e investimento a prazos de carência, de pagamento e taxas de juros compatíveis com o setor;

- Os impostos diversos foram indicados como forte incentivo ao abate clandestino, o qual faz grande competição ao abate formal, resultando numa venda de carne sem higiene e de peles de baixa qualidade. Recomenda-se que os Governos Estaduais e o Federal adotem alíquota zero por 10 anos, como é feito para outros setores emergentes;

- Observou-se entre os diversos atores da cadeia produtiva o interesse em apoiar a indução e implantação de projetos cooperativos para a solução de diversos entraves tecnológicos existentes. Além dessas necessidades poderiam ser também enumeradas outras mais específicas tais como:

- Desenvolver alternativas de acabamento de ovinos e caprinos para abate, através de projetos

multiinstitucionais privilegiando alimentos disponíveis regionalmente;

- Elaborar tabelas de exigências nutricionais, composição química e valor nutritivo de alimentos passíveis de utilização por ovinos e caprinos;
- Ampliar a disponibilidade de animais geneticamente superiores;
- Quantificar os impactos econômicos dos principais problemas sanitários;
- **C o n d u ç ã o d e e s t u d o s** epidemiológicos;
- Difundir tecnologia para setores produtivos;
- Desenvolver insumos, produtos e fatores de produção;
- Incentivar a sustentabilidade das cadeias produtivas;
- Utilizar racionalmente os recursos genéticos disponíveis. Desenvolver estratégias de cruzamento para identificação de tipos mestiços para produção em sistema de campo e confinamento,
- Determinar a eficiência de cruzamentos entre raças.

TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

As perspectivas do agronegócio da caprinocultura de corte no Brasil, em médio prazo, sinalizam para um modelo em base empresarial com visão de mercado. Para isto é imprescindível a união de esforços de todos segmentos da iniciativa pública e privada envolvidos na atividade, visando ao estabelecimento de uma política específica que contemple todos atores da cadeia produtiva da carne caprina, incluindo ações, principalmente, sobre: (a) políticas diferenciadas de financiamento; (b) fortalecimento do associativismo, como forma de organizar a base produtiva, através da implementação de planos integrados; (c) política tributária diferenciada para o Nordeste; (d) incremento do padrão tecnológico em todo processo produtivo; (e) criação de canais de exportação e (f) valorização da qualidade da carne caprina e produtos derivados com certificação regional, por meio de novos procedimentos de identificação animal e implementação de sistemas de rastreabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio da caprinocultura de corte no Brasil poderá ser uma alternativa de desenvolvimento econômico e social, capaz de reduzir a marginalização, principalmente, nas áreas semi-áridas da Região Nordeste, constituindo-se em instrumento gerador de emprego e renda no campo. Para que isto se torne realidade é necessário que haja fortalecimento da cadeia produtiva, com base no estabelecimento de uma política nacional para o setor, que possibilite o desenvolvimento de pólos de produção de caprinos e processamento da carne e produtos derivados que tenham maior atração nos mercados interno e externo.

REFERÊNCIAS

BARROS, N.N.; SIMPLÍCIO, A.A. Produção intensiva de ovinos de corte: perspectivas e cruzamentos. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE OVINO CULTURA, 1., Lavras, MG, 2001. Anais. Lavras, Universidade Federal de Lavras, 2001, p. 21- 48.

BARROS, N.N.; SIMPLÍCIO, A. A.; FERNANDES, F. D. **Terminação de borregos em confinamento no Nordeste do Brasil**. Sobral: Embrapa Caprinos, 1997, 24 p. (Embrapa Caprinos. Circular Técnica, 12).

CENINSA. **Ovinocaprino: cadeia produtiva**. Disponível em: <<http://www.ceninsa.org.br:8080/portalceninsa/novo/ovino/estrutura.jsp>> Acesso em: 20 julho 2007.

COUTO FILHO, C. A pele como fonte de renda. In: WORKSHOP SOBRE CAPRINOS E OVINOS TROPICAIS, 1. Fortaleza. 1999. Anais. Fortaleza, Banco do Nordeste, 1999, p. 40-45.

COUTO, F.A.A. Importância econômica e social da ovinocaprinocultura brasileira In: CNPq. Apoio à cadeia produtiva da ovinocaprinocultura brasileira. **Relatório Final**, Brasília, 2001. 69 p.

DANTAS, A. Posição dos abatedouros dentro de um Programa Nacional de Ovinocaprinocultura In: MIZUTA, K.; SILVEIRA, M.A.; COUTO, F.A.A. et al. Apoio à cadeia produtiva da ovinocaprinocultura brasileira: Brasília, DF: MCT/CNPq/MAPA. **Relatório Final**. 2001. 69p.

FARINA, E.; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade e organização das cadeias agroindustriais**. Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura. Costa Rica, IICA, 1994.

LEITE, E.R. **Ovinocaprinocultura: A modernização do agronegócio**. Disponível em: <http://www.capritec.com.br>. Acesso em: 1 ago. 2003.

MEDEIROS, J.X. de. Governança no agronegócio da carne, leite e produtos derivados da ovinocaprinocultura na Região Nordeste do Brasil. In: Simpósio Internacional sobre o Agronegócio da Caprinocultura Leiteira, 1; Simpósio Internacional sobre Caprinos e Ovinos de Corte, 2.; 2003, João Pessoa. Palestra... João Pessoa: EMEPA-PB.2003p.35-41.

OSÓRIO, J.C.S.; OSÓRIO, M.T.M. **Produção de carne ovina: Técnicas de avaliação in vivo e na carcaça**. OSÓRIO, J.C.S. (Ed.). Pelotas, RS: Curso de Pós-Graduação em Zootecnia/Departamento de Zootecnia/FAEM/Universidade Federal de Pelotas, 2003. 73 p.

OSÓRIO, J.C.S.; SAÑUDO, C.; OSÓRIO, M.T.M.; SIERRA, I. **Produção de carne ovina. Alternativa para o Rio Grande do Sul**. Pelotas: Editora Universitária da UFPEL, 1998. 166 p.

SAÑUDO, C. **La calidad organoleptica de la carne com especial referencia a la especie ovina. Factores que la determinan, metodos de medida y causas de variación**. III Curso internacional sobre producción de ganado ovino. I.C.I., I.N.I.A., S.I.A. – D.G.A., Zaragoza, España. Mimeografado. 1991. 117 p.